

O GRAFITE COMO CANAL ALTERNATIVO DE INFORMAÇÕES: CAMINHOS PARA UMA DISCUSSÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO ¹

Ana Cristina de ALBUQUERQUE²

RESUMO

A cidade e os diversos suportes informacionais que abriga, faz com que cada vez mais tenhamos de abrir nossos olhos a novos caminhos a serem percorridos a quem busca informação. Nisso, o grafite, pode ser considerado um canal de informações alternativas que, num determinado grupo é veiculado com vigor pelas ruas da cidade. Sua relação com o espaço urbano é evidente, estão desordenadamente espalhados em quase todos os lugares e, de alguma forma, consegue atrair a atenção dos transeuntes que por eles passam. Com o intuito de analisar as informações produzidas no incessante fluxo que as gera, a Ciência da Informação, além de tratar da parte tecnológica também se volta, em algum momento, para as informações sociais, de onde vem à questão que, com a explosão desses diferentes canais, cada um influenciado por seu meio, na Ciência da Informação deve-se abrir uma discussão em que esta dialogue (interdisciplinarmente) com as informações que estão fora dos tradicionais lugares como arquivos, bibliotecas e museus. Assim, poderá avançar em seus objetivos práticos, no tratamento de novas meios informacionais, e teórico, para que os profissionais tenham um diferente enfoque em sua área.

Palavras-chave: Cidade – Grafite – Ciência da Informação – Informações Alternativas

DO SUPORTE À CIÊNCIA

Marcas. Desde sempre o desejo dos homens foi deixar marcas. Marcas que permanecem ou não nos lugares onde passam, moram, têm suas relações sociais. Mais inusitados possíveis são os lugares onde os seus desejos se materializam e se tornam acessíveis à compreensão humana. Suportes variados para variadas formas de expressão, desde pinturas parietais, imagens para reverenciar divindades gravadas em pedras, tatuagens cobrindo corpos até pergaminhos, papel, película, computadores, etc. Dentre

¹ Artigo elaborado a partir da pesquisa e Trabalho de Conclusão de Curso “O grafite como canal alternativo de informação e sua relação com o espaço urbano: o caso da cidade de Marília”.

² Graduanda do quarto ano do curso de Biblioteconomia, tendo como orientador o Prof. Dr. Eduardo Ismael Murguia, na Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, CEP 17.525-900, Marília, São Paulo – Brasil.

esses suportes alguns dos mais complexos são os que estão dentro da cidade, pois permitem total diversidade a quem que deixar suas marcas.

A inscrição das marcas na cidade é antiga. A cidade permite que seus habitantes se territorializem e desterritorializem-a com suas intervenções que transformam o espaço urbano em um lugar de divulgações para confrontos sociais, cada um com seu interesse, gerando símbolos e signos na vida urbana de modo tão veloz e intenso que nosso olhar acostumou-se. A cidade não é apenas um espaço com suas funções públicas e privadas, ela ultrapassa a idéia de apenas ser um conglomerado de grupos sociais e instituições legitimadoras da ordem existente e reflete todas as formas de comunicação dos grupos que nela transitam. Tudo está dentro dela como numa moldura. Arte, informação, comunicação, espalham-se pela cidade deixando-a alegre, interessante, triste. É um grande palco e ao mesmo tempo é obra de arte consciente que abriga uma complexa rede de articulações culturais, informacionais e comunicacionais. É uma entidade sujeita ao desgaste, à transformação, á destruição. Testemunha viva do legado da história tem em cada esquina as marcas deixadas pelos homens. Segundo LEFEBVRE (1969 p.48):

Desta forma, a cidade é obra a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. As condições que simultaneamente permitem e limitam as potencialidades, não são suficientes para explicar aquilo que nasce dela, nela, através dela.

Assim, as cidades transformam-se em grandes museus ao ar livre, mas um museu de caráter efêmero e sem nenhuma ordem, questionando a própria idéia de museu. Tudo o que é produzido numa cidade gira ao ritmo da sociedade urbana, sem lembranças, agressivamente descartável. Numa metrópole o novo dura pouco. Segundo Mostafa (1994 p.23): “Uma das características mais marcantes da modernidade é a permanente construção do presente. O passado e o futuro desaparecem e a gente vive num eterno presente”.

A industrialização e a modernidade trouxeram essa velocidade para a vida urbana. A revolução industrial acelerou o aparecimento de novas necessidades,

conhecimentos, atitudes. Motor das transformações da sociedade, segundo Lefebvre, o processo de industrialização é o indutor de tudo o que acontece na vida urbana. Da vida pacata e agrícola passou-se para a agitação da urbanidade e todo contexto social e cultural, em consequência, foi mudando no século XIX. A burguesia se fortalece através do capital industrial e dominou a sociedade urbana e os grandes centros sobrando a periferia para os menos abastados. Fugindo dos tradicionais modos de expressão artística e informacionais, a população se apropria dessa cidade explorando-a e interpretando o espaço a seu modo, o que muitas vezes é visto como pura degradação. Invertendo as idéias que lhe são impostas, a população – quando não é impedida de agir – cria seus signos, suas próprias mensagens, impõe também sua linguagem e sua comunicação, suas informações às vezes codificadas, mas compreensíveis à cognição do seu público alvo. Segundo MARTINS (2001 p. 24):

A sociedade permitiu e mesmo obrigou o aparecimento da linguagem, mas é a linguagem que possibilitará à sociedade o seu estabelecimento propriamente dito, que transformará as relações transitórias do encontro nas relações duradouras da convivência. Assim, a linguagem variará de acordo com os grupos sociais, porque os exprimirá em sua mais funda realidade: a linguagem [...] é a expressão da sociedade, como a sociedade é, em grande parte uma expressão de sua linguagem.

O desenho da cidade muda. Transeuntes, a pé, de carro, de ônibus, deparam-se com marcas e inscrições muitas vezes incompreensíveis, e entram em contato visual quase que simultaneamente com as mais diversas realidades urbanas e formas de expressão cultural distintas. A gama de informações visuais que nos são passadas a todo o momento é imensa, e o grafite é uma produção visual que comunica, informa ou diverte e que tem a cidade como seu suporte. Segundo SILVEIRA Jr. (1991, p.07):

Em meio aos inúmeros signos que pululam nas grandes metrópoles o grafite destaca-se por sua singularidade. Conjugando imagens e texto numa multiplicidade de formas, através do uso de uma grande diversidade de instrumentos (pincéis, rolos, lápis, canetas, facas e canivetes, máscaras, etc.) e materiais (giz, tintas látex e óleo, spray, etc.) se proliferando desmesuradamente pelas superfícies urbanas (o que demonstra sua vitalidade), eles têm hoje uma atualidade particular e estão em todos os lugares[...] Não seria absurdo afirmar que a grande maioria das pessoas já teve alguma experiência com os grafites, pelo menos com as inscrições adolescentes nas carteiras escolares ou em muros e banheiros de escola.

Sua irreverência contrasta com a violência e o cinza das poluídas cidades modernas.

As raízes do grafite³ estão muito além do que imaginamos. Remontam à pré-história, pinturas rupestres, escritos e desenhos das civilizações antigas. O grafite sempre oscilou entre a escrita e o desenho.

Pode-se dizer que o grafite contemporâneo é fruto de algumas correntes artísticas do século XX, tais como surrealismo, dadaísmo, expressionismo e arte pop. Todas elas têm uma característica em comum: foram feitas para responder ao sistema tradicional das artes. Privilegiam o estilo, o conceito, a idéia, a informação; quando não a falta deles: *nos-sense*. Principalmente a arte pop, da qual o grafite, por ideologia, mais se assemelha. A arte pop surgiu por volta de 1952/62 e sua pretensão era a de ser rápida, instantânea, resultado da sociedade industrial. Segundo LUCIE-SMITH (1993, p.169):

Se a arte pop foi (e parece ter sido) propositadamente feita para não durar, a implicação é clara. A paixão pela obsolescência não era uma excentricidade – equivalia a uma declaração de que daí em diante nenhuma arte seria durável. Tudo na arte pop – é e é – transitório e provisório. Ao adotarem essas qualidades, os artistas pop ergueram um espelho onde a própria sociedade se vê refletida.

Nada mais semelhante à proposta do grafite. Arte e informações efêmeras, mostrando o produto da sociedade do nosso tempo.

Não há também como falar de grafite sem passar pelo movimento de contracultura que surgiu nos anos 50 com a geração beat, nos Estados Unidos. Contracultura porque se opõe, de diferentes maneiras, segundo Pereira (1983, p.13) “à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições da sociedade do Ocidente. É cultura marginal, independente do reconhecimento oficial”.

Era o que estava acontecendo em Paris, em 1968, quando jovens pichavam⁴ poesias e palavras de ordem para contestar e atacar o Estado, a polícia, a mídia e a

³ A palavra grafite vem do italiano *graffito* (no plural *graffiti*). A origem etimológica pode esclarecer o seu duplo sentido, ora escrita ora gravura. *Graffio* ou *graphium* vem do latim e designa um instrumento parecido com um estilete utilizado para gravar letras em placa de cera que eram utilizadas como nosso papel. Por outro lado temos a gravura, o entalhe, *graffito* é um termo que designa um procedimento de decoração mural em voga no renascimento. Encontra-se lá uma espécie de uso nobre do entalhe cujo reverso familiar seria o rabisco, escritura ou desenho traçado às pressas, grosseiramente.

⁴ Pichação é uma forma de comunicação fechada, executada inicialmente por um único indivíduo mas que, em seguida passa por um processo de identificação coletiva e a ser realizada por grupos, espalhando-se por todo tecido urbano de forma repetitiva e desordenada; o grafite por sua vez se caracteriza pelo requinte

sociedade de consumo. Foi lá que o grafite que conhecemos hoje surgiu realmente. Algum tempo depois, chegou aos Estados Unidos como as Tags, um tipo de assinatura que identifica pichadores e grafiteiros por todos os lugares.

O grafite é uma expressão jovem, de determinados grupos. É praticado não só por jovens de periferia, como geralmente se pensa, mas principalmente por grafiteiros que vêm da classe média⁵.

Como aconteceu em outros lugares no Brasil também o grafite invadiu as ruas e as galerias de arte, e, embora muitos não concordem, em alguns casos se transformou em mercadoria.

Um dos primeiros a popularizar o grafite em São Paulo foi Alex Valauri, um etíope radicado no Brasil que, integrado com as tendências européias, por ter passado longo tempo lá, começou a grafitar sua famosa bota preta em vários pontos estratégicos para que todos a vissem e reconhecessem. Logo conheceu Carlos Matuck e Zaidler e juntos começaram a fazer intervenções constantes na cidade. Surgiram mostras de grafites e grupos como o Tupinãodá, que, unindo performances a grafitagens montavam apresentações ao ar livre. O grafite se popularizou e a prefeitura de São Paulo, na gestão de Luisa Erundina, vendo nisso uma alternativa para as pichações organizou “passeios” onde eram cedidos o lugar e o material para os grafiteiros trabalharem e mostrarem sua arte. Juneca, famoso por suas pichações, deixa as ruas e entra para o circuito de arte com o grafite. O grafite como protesto foi declarado morto e muitas polêmicas se formaram em torno desses fatos. Os anos 80 foram de grande importância para divulgação e aceitação do grafite. Enquanto a pichação continua sendo um termo pejorativo o grafite já é visto como arte pela maioria. Com a ênfase dada ao movimento Hip Hop, o grafite que, na verdade, nunca deixou de ter espaço, cada vez mais aparece nas ruas, agora novamente sem autorização.

Daí percebe-se que a informação e comunicação têm diferentes formas de manifestação, principalmente em um espaço tão diverso como a cidade.

técnico e planejamento, que resulta em uma maior qualidade de frases poéticas ou dos desenhos elaborados com máscaras ou a mão livre.

⁵ O Hip Hop como movimento cultural, se divide em três expressões artísticas: a música, rap, a dança, o break e a arte visual, o grafite. O Hip Hop como arte periférica no aspecto específico do grafite apresenta uma dualidade, que é resultante do alto custo do material utilizado. A maioria dos grafiteiros é de classe média, e seus grafites dão mais ênfase à estética, já os grafiteiros da periferia, além da preocupação estética dão ênfase a mensagens de cunho social.

A explosão de informação dos últimos tempos foi gerada justamente pelo crescimento dos meios de informação e seus produtos como jornais, revistas especializadas, universidades e centros de pesquisa. Como uma tentativa de reflexão e resposta ao novo contexto surgiu a Ciência da Informação.

No final da Segunda Guerra Mundial houve uma revolução científica e técnica. Aparecem novas disciplinas, resultado de estudos para solucionar problemas práticos enfrentados na guerra, entre elas a pesquisa operacional, a análise de sistemas, a cibernética e a teoria dos jogos. Os centros de documentação não eram dirigidos por profissionais da área e isso comprometia a qualidade do serviço que nem sempre estavam de acordo com a experiência do bibliotecário. Nessa época, justamente para tentar sanar estes e outros problemas surgiu primeiro a bibliometria, depois a recuperação da informação e por fim a atividade chamada ciência da informação, esta diz respeito a alguns processos de comunicação humana e se propõe a facilitar a transmissão da informação entre os mesmos.

Segundo SARACEVIC (1996, p.47):

A Ciência da Informação é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltada para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e dos seus registros entre os homens, no contexto social, institucional ou individual do uso das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais.

A Ciência da Informação, interdisciplinar por natureza, designa um campo mais amplo, com propósitos de pesquisa e análise, e tem por objetivo o estudo dos fenômenos ligados à produção, à organização, recuperação e disseminação da informação em todos os campos do conhecimento, daí pode-se concluir que os problemas que a tradicional Ciência da Informação se propõe a estudar são muito claros, pois além de tratar de qualificar a informação, ela prioriza a informação tecnológica, leia-se produtivas, nas unidades de informação. Porém ela também se volta para a sociedade e por isso precisa de outros enfoques. Em sua concepção, segundo Saracevic (1996) a Ciência da Informação e as várias disciplinas que ela permite utilizar resolveriam as questões básicas de se compreender a informação, suas manifestações, o comportamento informativo humano e a acessibilidade do ‘crescente acervo do conhecimento’.

Partindo-se do pressuposto de que a Ciência da Informação é multidisciplinar e trabalha com os problemas de informações sociais inferimos que ela possa também servir de embasamento para analisar a cidade como meio de informação e suas inúmeras formas expressivas como o grafite que, seja entendido como obra de arte, divertimento, marketing ou documento contestatório, informa sempre o seu público: transeuntes e moradores da cidade. É uma manifestação social transformadora para certos grupos.

A possibilidade de trazer novos enfoques para a pesquisa na área da Ciência da Informação, dentre eles, pensá-la fora das unidades institucionais onde até agora viu-se restringida é real e deve ser vista como maior seriedade pelos profissionais da área. A Ciência da Informação como proposta de transmissão do conhecimento se tornará obsoleta em seu propósito se não captar formas menos convencionais classificadas como meios de informação alternativos.

Usando a cidade como meio de informações alternativas, acreditamos que é possível apontar linhamentos para uma discussão interdisciplinar na Ciência da Informação e oferecer subsídios para um possível lugar de diálogo e pesquisa para os profissionais da área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto do estudo da Ciência da Informação recai sobre pontos há muito delimitados pelos rigores acadêmicos que oficializam as temáticas tradicionais em detrimento das marginais (alternativas). A informação, atualmente, tem inúmeras formas de expressão. Dando um panorama geral sobre o suporte cidade e um de seus canais de informação, o grafite, buscamos nesta pesquisa ampliar os campos de investigação da Ciência da Informação para novos objetos e métodos de estudo. A informação não é o resultado apenas da proposta de transmissão de idéias acabadas, mas é construída num complexo de relações entre os agentes sociais e suas expressões culturais, na relação com seu meio, resultando numa gama de significados que transcendem à própria informação. A informação é um processo. De onde o grafite, como canal de signos e símbolos ultrapassa a percepção dos transeuntes e concretiza-se como veículo de significados para agentes específicos: os grafiteiros e na sua relação com o meio social, os centros urbanos.

A diversidade dos meios alternativos de informação dá possibilidades para que a Ciência da Informação mantenha-se aberta aos desdobramentos dos meios informacionais, situando-se num campo de discussão interdisciplinar, onde a pesquisa oferece oportunidade teórica e instrumental que no momento são escassos, aos novos meios de comunicar e informar. Assim, o grafite como expressão jovem materializa seu desejo de comunicação e informação através de suas formas e cores nos muros da cidade.

REFERÊNCIAS

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Documentos, 1969. 133p.

LUCIE-SMITH, Edward. Arte pop. In: NIKOS, Stangos. *Conceitos da arte moderna: com 123 ilustrações*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p.123-142.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001. 519p.

MOSTAFA, Solange Puntel. Cultura e ciência: a crise dos paradigmas. *Transinformação*, São Paulo, v.6, n.1/3, p.22-28, jan./dez. 1994

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura?* São Paulo: Brasiliense, 1983. 97p. (Primeiros Passos).

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. *Perspectiva em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SILVEIRA JUNIOR, Nelson E. da. *Superfícies alteradas: uma cartografia dos grafites na cidade de São Paulo*. 1991. 148f. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

ARTIGO ENTREGUE EM 2003.